



Plan

**Aprender**

**sem medo.**

**Pesquisa:  
Bullying Escolar no Brasil**

**Resumo**

Com o objetivo de conhecer as situações de violência entre pares e de *bullying* em escolas brasileiras, a Plan Brasil realizou em 2009 a pesquisa “*Bullying* no Ambiente Escolar”, um levantamento de dados inédito que permitiu conhecer as situações de maus tratos nas relações entre estudantes dentro da escola, nas cinco regiões do País.

Os resultados do estudo servirão de insumos para as ações da campanha “Aprender sem Medo”, visando alertar e orientar estudantes, pais, gestores e docentes escolares, bem como a sociedade civil como um todo, sobre a ocorrência de bullying, as formas de reduzir sua frequência e as graves consequências que pode provocar para as pessoas envolvidas, as instituições de ensino e o próprio processo de formação e de consolidação da cidadania.

O estudo foi realizado por meio da coleta e da análise de dados quantitativos e qualitativos, com foco nas seguintes dimensões do tema:

- Incidência de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Causas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Modos de manifestação de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Perfil dos agressores e das vítimas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Estratégias de combate aos maus tratos e ao *bullying* no ambiente escolar.

Para garantir variedade e heterogeneidade dos participantes da pesquisa, foram selecionadas cinco escolas de cada uma das cinco regiões geográficas do País, sendo vinte públicas municipais e cinco particulares. Quinze estão localizadas em capitais e dez em municípios do interior. Participaram do estudo 5.168 alunos que responderam ao questionário. Também foram realizados quatorze grupos focais com 55 alunos, 14 pais/responsáveis e 64 técnicos, professores ou gestores de escolas localizadas nas capitais pesquisadas.

Os dados revelaram que, quanto mais frequentes os atos repetitivos de maus tratos contra um determinado aluno, mais longo é o período de duração da manifestação dessa violência. Essa constatação demonstra que a repetição das ações de *bullying* fortalece a iniciativa dos agressores e reduz as possibilidades de defesa das vítimas, indicando ser essencial uma ágil identificação dessas ações e imediata reação de repúdio e contenção.

A ocorrência do *bullying* emerge em um clima generalizado de violência no ambiente escolar, considerando-se que 70% da amostra de estudantes responderam ter presenciado cenas de agressões entre colegas, enquanto 30% deles declararam ter vivenciado ao menos uma situação violenta no mesmo período. O *bullying*, caracterizado como ações de maus tratos entre colegas – tendo como base frequência superior a três vezes durante o ano letivo pesquisado –, foi praticado e sofrido por 10% do total de alunos pesquisados, sendo que % disseram reproduzir os maus tratos sofridos se convertendo em vítimas e autoras ao mesmo tempo.

A pesquisa mostra que o bullying é mais comum nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do País e que a incidência maior está entre os adolescentes na faixa de 11 a 15 anos de idade e alocados na sexta série do ensino fundamental. Quanto aos motivos que os levam a sofrer ou a praticar agressões, os participantes tiveram dificuldade para indicar. No entanto, tendem a considerar que os agressores buscam obter popularidade junto aos colegas, que necessitam ser aceitos pelo grupo de referência e que se sentiram poderosos em relação aos demais, tendo esse “status” reconhecido na medida em que seus atos são observados e, de certa forma, consentidos pela omissão e falta de reação dos atores envolvidos. Já as vítimas são sempre descritas pelos respondentes como pessoas que apresentam alguma diferença em relação aos demais colegas, como um traço físico marcante, algum tipo de necessidade especial, o uso de vestimentas consideradas diferentes, a posse de objetos ou o consumo de bens indicativos de status sócio-econômico superior ao dos demais alunos. Elas são vistas pelo conjunto de respondentes como pessoas tímidas, inseguras e passivas, o que faz com que os agressores as considerem merecedoras das agressões dado seu comportamento frágil e inibido.

Os próprios alunos não conseguem diferenciar os limites entre brincadeiras, agressões verbais relativamente inócuas e maus tratos violentos. Tampouco percebem que pode existir uma escala de crescimento exponencial dessas situações. Também indicam que as escolas não estão preparadas para evitar essa progressão em seu início, nem para clarificar aos alunos quais são os limites e quais são as formas estabelecidas para que sejam respeitados por todos.

A pesquisa mostra que é maior o número de vítimas do sexo masculino: mais de 34,5% dos meninos pesquisados foram vítimas de maus tratos ao menos uma vez no ano letivo de 2009, sendo 12,5% vítimas de *bullying*, caracterizado por agressões com frequência superior a três vezes. Apesar das altas frequências de práticas violentas, os alunos do sexo masculino pesquisados tendem a minimizar a gravidade dessas ocorrências, alegando que foram brincadeiras de mau gosto ou que não dão importância aos fatos porque os colegas não merecem essa consideração. Já as meninas que sofreram maus tratos ao menos uma vez durante o ano de 2009 (23,9% da amostra de meninas pesquisada) ou tornaram-se vítimas de *bullying* (7,6% dessa mesma amostra) apresentam outro padrão de resposta às agressões sofridas, manifestando sentimentos de tristeza, mágoa e aborrecimento.

Quanto ao bullying no ambiente virtual – cyberbullying - os dados revelam que 16,8% dos respondentes são vítimas, 17,7% são praticantes e apenas 3,5% são vítimas e praticantes ao mesmo tempo. Independentemente da idade das vítimas, o envio de e-mails maldosos é o tipo de agressão mais freqüente, sendo praticado com maior frequência pelos alunos pesquisados do sexo masculino. Entre as meninas pesquisadas, o uso de ferramentas e de sites de relacionamento são as formas mais utilizadas. As demais formas de maus tratos no ambiente virtual também apresentam pouca variação conforme a idade das vítimas. Pequenas variações destes padrões estão presentes na frequência um pouco superior do uso de ferramentas e sites de relacionamento por alunos de 11 e 12 anos; na invasão de e-mails pessoais e no ato de passar-se pela vítima, ambos praticados por alunos de 10 anos.

Tanto no ambiente virtual como no ambiente escolar as vítimas tendem a não reagir aos atos sofridos e apresentam sentimentos de desconforto, apatia, irritabilidade e tristeza. Os sentimentos dos agressores em relação às vítimas também são semelhantes, independentemente do ambiente ser virtual ou na própria escola. As vítimas são descritas, convictamente, como pessoas fracas e que mereceram o castigo, sem que a maior parte dos agressores manifeste qualquer sentimento de remorso ou de compaixão.

Quanto à consequência, os próprios respondentes ressaltam os prejuízos sobre o processo de aprendizagem. Indicam que tanto vítimas quanto agressores perdem o interesse pelo ensino e não se sentem motivados a frequentar as aulas. Embora gestores e professores admitam a existência de uma cultura de violência pautando as relações dos estudantes entre si, as escolas não demonstraram estar preparadas para eliminar ou reduzir a ocorrência do *bullying*.

De fato, ampliando este achado da pesquisa, pode-se dizer que a gestão escolar e as competências dos docentes e técnicos do sistema de ensino não contemplam procedimentos de prevenção, controle e correção da violência que se manifesta em seu ambiente e nos arredores, tendo como protagonistas seus próprios alunos. Mais do que uma omissão, ou carência de capacitação e de instrumentos apropriados, parece existir uma tendência a considerar que este tipo de problema e sua solução não fazem parte da natureza ou da missão de uma instituição de ensino.

Os procedimentos adotados pelas escolas são as tradicionais formas de coação ao aluno, como a suspensão (culpabilização do aluno) e a conversa com pais (culpabilização da família), medidas claramente insuficientes para a abordagem do fenômeno. A escola ainda se utiliza de ferramentas talvez adequadas para coibir os antigos casos de indisciplina, cuja causa estava localizada nas particularidades de uma família, de uma criança e de um contexto específico. O que este estudo traz para o debate atual é a constatação de que não se trata de um fenômeno de natureza individual. Os maus tratos entre pares e o *bullying* são fenômenos que ocorrem no ambiente da escola, mas atingem a coletividade e ao mesmo tempo revelam seus padrões de convívio social. É interessante perceber que, com raras exceções, a pesquisa revelou que a escola está muito longe de reverter tal situação e não apresenta nenhuma ação de mais amplo alcance.

O discurso de pais e familiares contraposto ao de gestores, técnicos e professores, evidenciou que a responsabilização pela emergência de fatores desencadeadores da violência entre os estudantes é mutuamente atribuída. As famílias são acusadas de não assumirem a socialização adequada das crianças, pautada em princípios e valores que assegurariam um comportamento de boa convivência e respeito ao outro. Os profissionais das escolas são acusados de desinteresse, incompetência, alienação em relação às necessidades e aos problemas dos alunos. Tudo isso explicaria a ausência de procedimentos que colocassem limites e punissem formas de comportamento que os desrespeitassem. Mas este “jogo de empurra” não propicia iluminar a questão e avançar em proposições resolutivas. Por isso, mais do que diagnosticar um sintoma que já é evidente, este estudo pôde elencar ações e reflexões que deveriam conduzir o trabalho da

Plan Brasil e, mais além, de todos que se interessam pelo papel da Educação na formação da juventude deste País. Há que se considerar:

- Que é fundamental que os atores sociais participantes da comunidade educativa, tais como família, educadores, educandos, equipe técnica e funcionários estejam efetivamente envolvidos com as ações voltadas para redução e eliminação da violência no ambiente escolar. É a comunidade que tem condições de planejar ações, identificar necessidades, falhas, desejos e, principalmente, propor soluções. Os gestores da educação devem ser capazes de estimular e facilitar tais processos, fortalecendo a gestão democrática nos sistemas de ensino, aproximando a relação entre a escola e a comunidade e aperfeiçoando a comunicação entre os atores.
- Que as escolas devem criar procedimentos preventivos e formas de reação ágeis para evitar a ocorrência de situações de *bullying* e quaisquer outras manifestações de violência entre estudantes. As normas devem ser claras, objetivas, aplicadas com rigor e transparência. A elaboração de tais regras e processos pode ser um excelente exercício participativo, que resulte em clara compreensão do fenômeno por todos os atores da comunidade, estimulando o engajamento dos próprios alunos e suas famílias, assegurando a legitimidade de sua aplicação.
- As questões do convívio social, dos padrões que regem as relações entre as pessoas e dos direitos de cidadania a que todos devem ter acesso não devem ser tratadas em uma disciplina específica, mas serem trabalhadas no conteúdo de todas as disciplinas da grade curricular.
- As escolas devem procurar diagnosticar, sistematicamente, a emergência de casos de *bullying* e outras formas de violência nas relações interpessoais, de modo a estabelecer metas objetivas de redução e eliminação do fenômeno no âmbito dos seus planejamentos estratégico e pedagógico.
- Profissionais atuantes em escolas de ensino fundamental, independentemente dos níveis funcionais e cargos ocupados, devem ser capacitados para assumir medidas de restrição e controle da violência no ambiente escolar.
- A gestão escolar deve incorporar atribuições de prevenção e controle da violência, que podem ser exercidas de forma integrada com outras instituições do Estado – segurança pública; polícias civil, militar, municipal, comunitária; conselhos municipais etc. – e da sociedade civil – associações de moradores, ONGs, fundações empresariais, movimentos sociais etc.

Região	Cidade/Estado
Norte	Belém/PA
Norte	Ananindeua/PA
Sul	Porto Alegre/RS
Sul	São Leopoldo/RS
Sudeste	São Paulo/SP
Sudeste	São José do Rio Preto/SP
Nordeste	São Luis/MA
Nordeste	Codó/MA
Nordeste	Timbiras/MA
Centro-Oeste	Brasília – DF
Centro-Oeste	Brazlândia – DF
Centro-Oeste	Samambaia – DF

Tabela 2.1. Municípios por região

Regiões	Série				Total geral
	5ª	6ª	7ª	8ª	
<b>Centro Oeste</b>	240	210	199	326	975
<b>Nordeste</b>	285	249	250	249	1033
<b>Norte</b>	250	250	250	240	990
<b>Sudeste</b>	290	331	295	312	1228
<b>Sul</b>	208	234	217	283	942
<b>Total geral</b>	1273	1274	1211	1410	5168

Tabela 2.4. Quantidade de alunos por série por região

Região	Escola particular –alunos respondentes		Escola pública – alunos respondentes		Total – alunos respondentes	
<b>Centro Oeste</b>	201	20,6%	774	79,4%	975	<b>100%</b>
<b>Nordeste</b>	200	19,4%	833	80,6%	1033	<b>100%</b>

<b>Norte</b>	201	20,3%	789	79,7%	990	<b>100%</b>
<b>Sudeste</b>	247	20,1%	981	79,9%	1228	<b>100%</b>
<b>Sul</b>	246	26,1%	696	73,9%	942	<b>100%</b>
<b>Total geral</b>	<b>1095</b>	<b>21,2%</b>	<b>4073</b>	<b>78,8%</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

Tabela 2.2. Quantidade de alunos por tipo de escola por região

A violência é um fenômeno relevante nas escolas brasileiras: cerca de 70% dos alunos pesquisados informam ter visto, pelo menos uma vez, um colega ser maltratado no ambiente escolar no ano de 2009. Quase 9% dos alunos afirmam ter visto colegas serem maltratados várias vezes por semana e outros 10%, que vêem esse tipo de cena todos os dias. Ou seja, cerca de 20% dos alunos presencia atos de violência dentro da escola com uma frequência muito alta, o que é um indício de que o *bullying* está presente significativamente nas escolas investigadas.

<b>Viu colega ser maltratado</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
<b>Não vi</b>	1468	28,4%
<b>Vi 1 ou 2</b>	1834	35,5%
<b>Vi de 3 a 6</b>	531	10,3%
<b>1 vez por semana</b>	262	5,1%
<b>Várias por semana</b>	461	8,9%
<b>Todos os dias</b>	522	10,1%
<b>Em branco</b>	90	1,7%
<b>Total geral</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

Tabela 4.1. Alunos que viram colegas serem maltratados no ano de 2009

A ocorrência de *bullying* nas cinco regiões no País segue uma distribuição semelhante à observada para maus tratos, sendo mais frequente entre os estudantes da região Sudeste: 15,5% deles foram vítimas de *bullying* em 2009. Na sequência estão: Centro-oeste (11,7%), Sul (8,4%), Norte (6,2%) e Nordeste (5,4%). No Sudeste, região com maior incidência de vítimas de *bullying*, esse número é quase três vezes maior que no Nordeste, região com menor incidência. Essas diferenças ficam mais evidentes no gráfico a seguir, onde “Alfa” representa o grupo de alunos que não foram vítimas de maus tratos, ou o foram por uma ou duas vezes, e “Beta” refere-se ao grupo de alunos que foram vítimas de maus tratos por mais de três vezes no ano de 2009, ou seja, neste estudo caracterizados como vítimas de *bullying*.

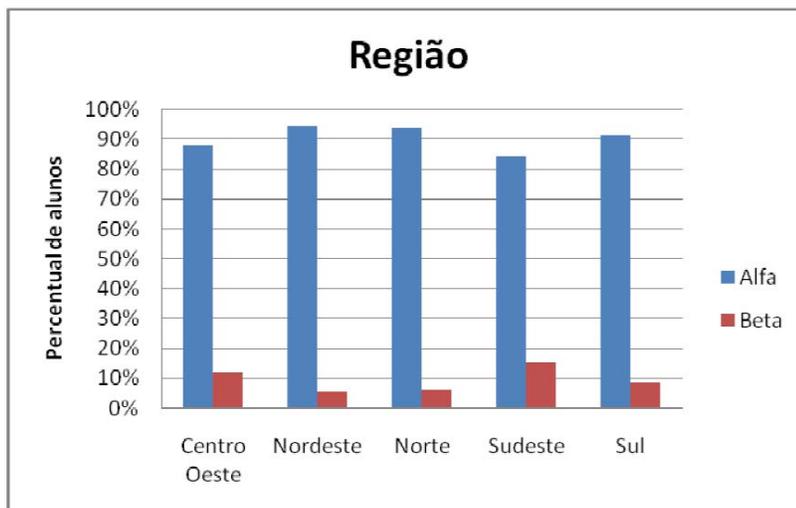


Tabela 4.5. Vítimas de bullying (Beta) por região do País

Pouco mais de 29% dos alunos pesquisados afirmam que já maltrataram colegas no ambiente escolar pelo menos uma vez no ano de 2009, número muito semelhante à incidência das vítimas de maus tratos. Os dados coletados revelam que 10% da amostra de alunos afirmam ter praticado *bullying* (maus tratos a colegas com frequência superior a três vezes no ano de 2009), porcentagem que converge com a incidência de vítimas desse fenômeno captada pela pesquisa.

<b>Frequência dos maus tratos</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
<b>Não maltratei</b>	3589	69,4%
<b>1 ou 2 vezes</b>	989	19,1%
<b>De 3 a 6 vezes</b>	194	3,8%
<b>Uma vez por semana</b>	81	1,6%
<b>Várias vezes por semana</b>	100	1,9%
<b>Todos os dias</b>	139	2,7%
<b>Em branco</b>	76	1,5%
<b>Total geral</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

Tabela 4.8. Frequência dos maus tratos a colega(s) em 2009 (agressores)

Os dados coletados na etapa quantitativa da pesquisa realizada com alunos, levando em conta as dimensões das vítimas e dos agressores, revelam que os maus tratos entre pares no ambiente escolar estão presentes em cerca de 30% da amostra pesquisada. O *bullying* foi verificado em 10% dessa amostra, com ocorrências mais frequentes nas

regiões Sudeste e Centro-Oeste. Não há diferença significativa na incidência do *bullying* entre as escolas das capitais e das cidades do interior pesquisadas. Quanto mais frequentes se tornam os atos de violência contra um aluno, mais tempo esses atos tendem a durar ao longo do ano letivo.

Os dados coletados na etapa qualitativa da pesquisa mostram que, para os alunos entrevistados, o termo *bullying* é praticamente desconhecido, com poucas exceções de alguns que já o tinham ouvido na mídia. No entanto, sua prática é imediatamente reconhecida por todos e associada a episódios de maus tratos na escola. Sem exceção, todos os alunos entrevistados são capazes de identificar e/ou relatar casos de *bullying* presenciados ou nos quais estavam envolvidos.

Os dados coletados na etapa qualitativa da pesquisa permitem afirmar que, embora seja um fenômeno presente na grande maioria das escolas, o *bullying* não é facilmente diferenciado de outras formas generalizadas de relações agressivas entre os alunos, em especial entre os adolescentes. Observa-se, inclusive, uma resistência da maioria dos informantes em reconhecer o termo e seu conceito, provavelmente em função do pouco conhecimento sobre eles.

Portanto, não é simples a resposta para a pergunta de pesquisa “há *bullying* na opinião da equipe escolar?” É possível concluir que, na parcela da realidade brasileira captada pela pesquisa, há uma variedade de formas de comportamentos e ações violentas, as quais por vezes se caracterizam como *bullying*, mas raramente são reconhecidas como tal.

Os maus tratos entre colegas no ambiente escolar se manifestam, principalmente, na forma de agressões verbais (xingamentos, apelidos, insultos e ameaças), muitas vezes interpretadas pelos próprios alunos envolvidos como brincadeira. A partir desse dado, e com base em relatos e discursos de professores, pais e alunos das cinco regiões do País, pode-se inferir que tais tipos de agressões verbais são as formas mais comuns de manifestação do *bullying* nas escolas.

Cerca de metade das ocorrências da grande maioria dos tipos de maus tratos elencados pela pesquisa tende a durar o tempo de uma semana, ou seja, esse é o tempo de duração mais freqüente das agressões sofridas pelos alunos. Porém, a outra metade das ocorrências dos maus tratos está distribuída entre opções que contemplam períodos de várias semanas e vários meses, o que é um dado significativo.

Os maus tratos acontecem com maior freqüência na sala de aula e no pátio do recreio, espaços da escola com boa visibilidade e nos quais o controle da violência entre alunos, por parte de professores e funcionários, deveriam ser mais eficientes.

A análise a respeito da forma como as agressões entre alunos se manifestam na escola indica, ainda, que todos os tipos de maus tratos investigados são praticados, com maior freqüência, por um único agressor ou por um agressor principal.

Observa-se entre os alunos pesquisados que os meninos são vítimas de *bullying* com maior freqüência do que as meninas. Em 2009, 12% dos meninos foi vítima desse tipo de violência, enquanto para as meninas esse número é um pouco superior a 7,0%. A diferença pode ser significativa ao se considerar as diferenças nos padrões de interação entre meninos e meninas no ambiente escolar, tais como maior uso da força física entre os primeiros.

Frequência dos maus tratos	Menino	Menina
Não fui maltratado	66,4%	75,5%
Fui 1 ou 2 vezes	20,2%	16,1%
Fui de 3 a 6 vezes	4,9%	2,8%
1 vez por sem	1,9%	0,8%
Várias vezes por sem	3,2%	2,3%
Todos os dias	2,0%	1,5%
Em branco	1,4%	1,0%
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 7.1. Frequência dos maus tratos no ano de 2009 (vítimas) por sexo

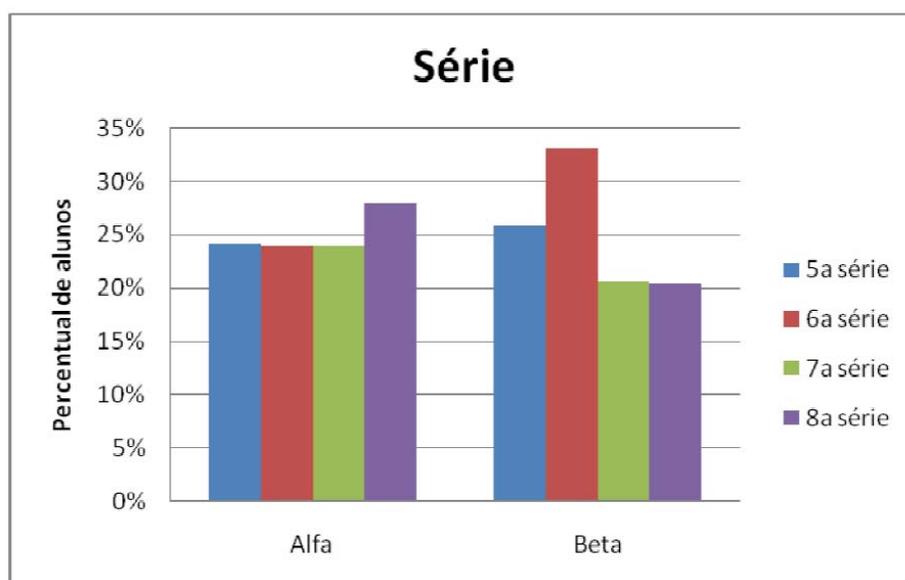


Tabela 7.3. Distribuição das vítimas de bullying por série (Beta)

Os dados quantitativos permitem notar que a incidência de vítimas de *bullying* (maus tratos a colegas com frequência superior a três vezes no ano de 2009) é maior entre os alunos da quinta e sexta séries do

ensino fundamental, conforme tabela a seguir, onde “Alfa” representa o grupo de alunos que não sofreu *bullying* e “Beta”, o grupo de alunos que sofreu.

Do ponto de vista emocional, os maus tratos em ambiente escolar afetam diferentemente meninos e meninas. A tabela a seguir permite observar com clareza os diferentes padrões de sentimentos entre as vítimas do sexo masculino e feminino.

Sentimento da vítima	Menino	Menina	Total
Eu não senti nada.	64,9%	35,1%	100,0%
Foi engraçado.	71,8%	28,2%	100,0%
Eu me senti bem.	60,3%	39,7%	100,0%
Eu me senti mal.	50,4%	49,6%	100,0%
Eu me senti triste.	38,2%	61,8%	100,0%
Eu me senti magoado(a) / chateado(a).	37,6%	62,4%	100,0%
Fiquei preocupado(a) com o que os outros podiam pensar de mim.	49,5%	50,5%	100,0%
Fiquei com medo.	46,3%	53,7%	100,0%
Eu me senti irritado.	52,2%	47,8%	100,0%
Eu me senti indefeso, ninguém podia me ajudar.	49,0%	51,0%	100,0%
Eu me senti envergonhado(a).	49,2%	50,8%	100,0%

Tabela 7.7. Sentimentos provocados pelos maus tratos por sexo da vítima

Como o *bullying* caracteriza-se pela repetição, para a compreensão do fenômeno e possível prevenção, é importante entender o que as vítimas fazem depois de sofrer maus tratos. A amostra pesquisada revela que a principal reação a maus tratos sofridos no ambiente escolar é: “nada fiz e fiquei magoado”, representando 6,6% das respostas. Esse tipo de comportamento acaba estimulando a repetição da violência à medida que preserva os agressores.

Já a segunda alternativa mais citada é “eu me defendi”, com pouco mais que 6% das respostas, o que sugere que uma parcela dos alunos tende a tentar resolver seus conflitos sem recorrer aos pais, e, principalmente, a professores e diretores.

Reações aos maus tratos	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3378	49,5%
Nada fiz e fiquei magoado	451	6,6%
Eu me defendi	429	6,3%
Falei com meu pai	371	5,4%
Eu revidei	343	5,0%
Falei com o diretor	323	4,7%
Falei com um professor	320	4,7%
Pedi que parassem	273	4,0%
Nada fiz, não dei importância.	250	3,7%
Falei com meu(s) amigo(s)	223	3,3%
Eu chorei	165	2,4%
Falei com meu(s) irmão(s)	110	1,6%
Outros	97	1,4%
Eu fugi	87	1,3%
Total	6820	100,0%

*Tabela 7.8. Reações aos maus tratos no ambiente escolar*

As consequências dos maus tratos sofridos são, de acordo com as vítimas pesquisadas, a perda do entusiasmo, seguida pela perda da concentração e o medo de ir à escola. Esses dados permitem inferir que o maior impacto desse tipo de violência é justamente no processo de aprendizagem e no desenvolvimento escolar das vítimas, o qual ficaria prejudicado. Tal conclusão vai ao encontro dos discursos dos professores e equipe técnica, captados na etapa qualitativa da pesquisa.

Consequências	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3721	69,0%
Perdi o entusiasmo	459	8,5%
Perdi a concentração	430	8,0%
Venho à escola com medo	248	4,6%
Perdi confiança em professores	156	2,9%
Perdi meus amigos	150	2,8%
Parei de aprender	79	1,5%
Fui reprovado	62	1,1%
Mudei de escola	58	1,1%
Tenho faltado às aulas	33	0,6%
<b>Total</b>	<b>5396</b>	<b>100,0%</b>

*Tabela 7.12. Consequências dos maus tratos para as vítimas*

Os maus tratos no ambiente escolar são praticados, de acordo com as respostas das vítimas, principalmente por meninos (14%), ou por meninos acompanhados de meninas (7%). Apenas 4% das vítimas afirmam que sua agressão foi praticada apenas por meninas.

Sexo do agressor	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3386	65,5%
Só por meninos	710	13,7%
Por meninos e meninas	347	6,7%
Só por meninas	203	3,9%
Principalmente por meninos	200	3,9%
Principalmente por meninas	169	3,3%
Em branco	153	3,0%
<b>Total</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

*Tabela 7.14. Respostas das vítimas para sexo do agressor*

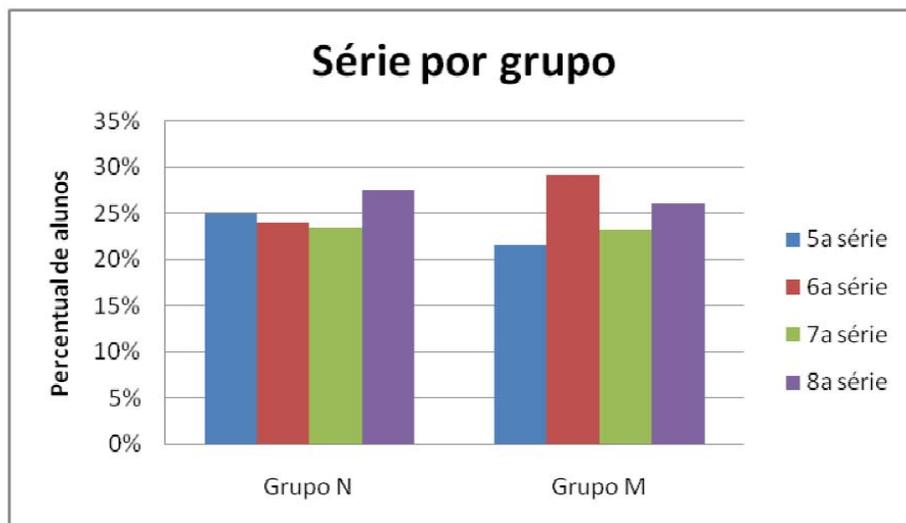


Tabela 7.16. Distribuição dos agressores de bullying por série (grupo M)

Idade	Grupo N	Grupo M	Total geral
10	0,9%	0,4%	1%
11	12,4%	9,5%	12%
12	19,2%	21,0%	19%
13	20,8%	20,2%	21%
14	25,2%	28,8%	26%
15	12,8%	12,3%	13%
16	5,0%	3,7%	5%
17	1,4%	1,2%	1%
18	0,3%	0,2%	0%
19	0,2%	0,0%	0%
21	0,0%	0,2%	0%
Em branco	1,7%	2,5%	2%
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 7.17. Distribuição dos agressores de bullying por idade (grupo M)

O que acontece na vida escolar do agressor após praticar maus tratos? Um dos dados mais relevantes que a etapa quantitativa da pesquisa traz para o delineamento do perfil do agressor é que este também tem seu desenvolvimento escolar e aprendizagem afetados negativamente pela prática da violência. Como

pode ser observado na tabela a seguir, as respostas mais citadas pelos agressores à pergunta “o que aconteceu na sua vida após maltratar um colega?” são as mesmas mais citadas pelas vítimas: “perdi a concentração” e “perdi o entusiasmo na escola”. A prática dos maus tratos é, portanto, negativa para a vida escolar das vítimas e dos agressores, atingindo os dois grupos da mesma forma, ou seja, afetando o processo de aprendizagem mais que a sociabilidade e a interação no ambiente escolar.

Consequências	Quantidade	Percentual
Não maltratei colega	3801	75,9%
Perdi a concentração	365	7,3%
Perdi entusiasmo pela escola	298	6,0%
Perdi meus amigos	149	3,0%
Distanciei-me dos objetivos escolares	98	2,0%
Venho à escola, mas tenho medo	98	2,0%
Fui reprovado	75	1,5%
Parei de aprender	59	1,2%
Mudei de escola	32	0,6%
Tenho deixado de ir às aulas	31	0,6%
Total	5006	100,0%

Tabela 7.22. Consequências dos maus tratos para os agressores

De acordo com os alunos pesquisados na etapa quantitativa da pesquisa, os meninos são mais vulneráveis que as meninas a episódios de maus tratos e a *bullying* no ambiente escolar, assim como o são também os alunos das quinta e sexta séries. As vítimas de *bullying* concentram-se no intervalo de adolescentes de 11 a 15 anos. Não há diferenças significativas na distribuição das vítimas de *bullying* por cor / etnia, diferentemente do que se poderia esperar, levando-se em conta as questões de discriminação racial.

Entre os aspectos comportamentais e emocionais, a pesquisa permite observar com muita clareza que há padrões de sentimentos ligados às situações de maus tratos muito diferentes entre as vítimas do sexo masculino e as do feminino. Os meninos tendem a afirmar que levam na brincadeira, acham engraçado, ou não dão importância aos maus tratos sofridos, enquanto as meninas afirmam que se sentem mal, ficam chateadas, magoadas e tristes.

Os dados qualitativos mostram que também os alunos acreditam que uma das características marcantes no perfil dos agressores é o desejo de aceitação social e a necessidade de exercer influência sobre os colegas, ocupando um lugar de destaque no grupo e garantindo popularidade. Nos discursos dos alunos também se observa a ênfase em outra característica do perfil dos agressores, que é a ausência de medo da punição.

Há despreparo da maioria das escolas pesquisadas para reduzir ou eliminar a ocorrência de situações de violência escolar, de acordo com os professores pesquisados. Isso se deve à escassez de recursos materiais e humanos, bem como à falta de capacitação dos professores e das equipes técnicas.

Como professores e equipes técnicas tendem a achar que as causas da violência entre alunos são exteriores à escola - localizadas na família ou na sociedade em geral - são poucas as ações institucionais com foco no combate à violência entre os alunos relatadas pelos docentes. De acordo com os discursos dos professores, as ações mais comuns tomadas pelas escolas são pontuais e direcionadas especificamente aos agressores. Em regra, o que as escolas fazem é:

- i) Punir os agressores com suspensões e advertências
- ii) Chamar os pais dos agressores para conversas com os educadores e equipe técnica.

Além das ações direcionadas aos agressores, mais comuns e frequentes, os professores relatam que algumas poucas escolas fazem campanhas gerais de mobilização e sensibilização voltadas à prevenção da violência. Um pouco mais frequentes, mas ainda esporádicas, são atividades como palestras e grupos de discussão orientados por professores que têm mais flexibilidade no programa curricular, como aqueles que ministram aulas de filosofia ou religião.